

# Quem tem medo do feminismo negro?\*

de Djamila Ribeiro

## Considerações para destemer o feminismo negro e suas intelectuais

### Considerations for Reducing Fear of Black Feminism and its Intellectuals

por Brenda Barbosa da Silva\*\*

*Quem tem medo do feminismo negro?* é um livro para quem quer vencer o medo ante o fortalecimento de mulheres negras sem incorrer na manutenção das bases que historicamente têm subjugado, nós, mulheres negras.

A obra de Djamila Ribeiro apresenta análises e reflexões do cotidiano em que a intersecção de gênero, classe e raça/etnia se manifestam e interferem na vida da população negra. É um livro que busca tornar visível os fios que sustentam o funcionamento desigual da sociedade e que se referencia na produção intelectual de outras mulheres, em especial negras, que têm sustentado o feminismo negro interseccional.

Para isso, Djamila reúne artigos publicados originalmente no *blog CartaCapital*, *Folha de S. Paulo* e também apresenta adaptações de artigos publicados em revistas científicas. Apesar de serem textos já disponíveis ao público e que reúnem milhares de visualizações, comentários e compartilhamentos, o livro ainda cumpre um papel pedagógico e disseminador do feminismo negro, principalmente para aqueles/aquelas que não adentram o ambiente virtual.

---

\* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

\*\*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política – PROMUSPP na Universidade de São Paulo (USP), São Paulo-SP, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. End. Eletrônico: brendasilva@usp.br

Na introdução, que leva o nome de “A máscara do silêncio”, Djamila Ribeiro apresenta um material autoral inédito. A autora retoma sua trajetória, situando o(s) lugar(es) de onde fala e (per)passa. Para quem já conhece outra importante publicação da autora, *O que é lugar de fala?*, este capítulo introdutório é fundamental para compreender as análises e posições que ao longo dos artigos serão apresentados. A narrativa de processos de vida não significa apenas as singularidades pelo qual a autora passou, mas apresenta a universalidade enfrentadas por outras/os sujeitas/os sociais, que compartilham entre si a mesma trajetória da autora.

Para quem está habituado à uma perspectiva materialista-histórica-dialética a percepção da universalidade que uma narrativa carrega é uma estratégia para pensar aproximações com o real, pensar as particularidades e as mediações possíveis e necessárias.

O capítulo inicial também permite que a/o leitora/or, mesmo as/os contrárias/os às ideias da autora, torne a humanizá-la, respeitá-la. Djamila tem ecoado o feminismo negro, isto pode afetar as estruturas e por isso assusta algumas pessoas, mesmo quando se dizem progressistas, e isso promove uma desumanização e rechaço quanto a forma como Djamila Ribeiro e outras mulheres negras são vistas, interpretadas e credibilizadas. Estas reações são expressões de racismo e machismo. Falar sobre uma (ou várias) opressões, não nos exime nem de sofrer, nem de reproduzi-las. Ainda somos secundarizadas pelo desconforto que nossas reflexões geram na sociedade. Assim, poder nos apresentarmos situando nossos passos, possibilita o exercício da empatia, camaradagem e o reconhecimento de si por meio do outro. Se isto não ocorre, restam poucas possibilidades se não a de reconhecerem o racismo arraigado que insistem em cultivar contra nós.

Entretanto, este não é um livro que “teoriza” sobre o feminismo negro. Pelo menos não no formato com o qual a academia hegemônica está habituada a manejar as escritas. Ao possibilitar que uma discussão complexa seja iniciada por textos acessíveis, amplia-se o alcance das Ciências Sociais na sociedade, em especial contribuindo no processo de tomada de consciência das pessoas que são afetadas por estas opressões. Ademais esta acessibilidade apresentada nas análises e reflexões dos cotidianos que afetam mulheres negras é coerente com o que o feminismo negro enquanto *práxis* política propõe. Para isto, outras leituras são necessárias, leituras que Djamila Ribeiro e outras intelectuais negras já realizaram e produziram.

Seria reducionista, e racista, presumir que a simplicidade com que a autora constrói os artigos significa uma ausência de densidade teórica e elucubrações complexas no campo das Ciências Sociais. Tampouco pressupor que a escrita simples se deve unicamente ao fato de originalmente a maior parte dos textos terem sido escritos para o ambiente virtual. Independentemente do suporte/canal pelo qual a mensagem será transmitida, nem todas as/os autoras/es pos-

suem a capacidade de tornar compreensível seu pensamento, o que dificulta o mecanismo básico necessário para que ocorra o processo de comunicação.

É justamente por conta da complexidade e avanço na compreensão do fenômeno que a intersecção de opressões acarreta que *Quem tem medo do feminismo negro?* é um livro de escrita simples e compreensão acessível, com diversas camadas de profundidade e reflexão – vai depender do processo de apreensão e aprofundamento que a/o leitora/or dará aos escritos, pois a autora apresenta subsídios introdutórios suficientes para estas interpretações.

No ambiente virtual estes artigos geraram discussões e visibilidades importantes. Também fez emergir o desconforto em perceberem o quanto contribuímos para a produção e reprodução do racismo, classismo e machismo estrutural. Aqui não me refiro aos que se opõem à compreensão da existência da luta de classes – mas é claro que estes também nos rechaçam. Refiro-me aos que *mesmo partindo de uma visão de mundo classista*, não querem admitir que o racismo e o machismo *também* estruturam a sociedade – e no caso brasileiro, *necessariamente* foram a base para a acumulação capitalista.

É urgente o reconhecimento e leitura deste funcionamento da sociedade, para que possa ser urgente também as nossas respostas e interrupção de seu alcance. Daí a relevância do feminismo negro e o reconhecimento do medo que ele pode te causar. Sem assumi-lo e enfrentá-lo dificultamos avanços nas lutas sociais.

Não é preciso concordar com as posições de Djamila Ribeiro, claro. Mas é preciso conhecer com honestidade suas referências e respeitar sua produção para de forma digna também divergir, se opor, debater. A intersecção do machismo e racismo é tão pungente que antecede até mesmo o debate qualificado da produção de intelectuais negras/os.

No livro você poderá encontrar análises e reflexões introdutórias sobre situações em que o humor, a arte e eventos culturais reproduzem racismo; situações em que a noção de liberdade de expressão mascara expressões do racismo; considerações sobre aborto e paternidade; a seletividade da comoção da população; o lembrete de que o racismo não é uma “problemática” dos negros, mas uma relação social que necessariamente envolve brancos; considerações sobre as tarefas que pessoas não-negras podem e devem se engajar; a percepção de mecanismos que contribuem para a reprodução do racismo, e diversas manifestações do cotidiano que expressam a leitura e prática social que se têm de mulheres negras – como quando o governador Eduardo Paes constrange e desumaniza uma mulher negra hipersexualizando-a durante a entrega de um imóvel da política de habitação; ou os funcionários de um condado pedem demissão quando uma mulher negra ganha a eleição local por sentirem-se inseguros com sua futura gestão.

Um dos artigos mais relevantes no livro, diz respeito ao texto “Feminismo negro para um novo marco civilizatório”, originalmente publicado em uma revista científica, o que pode justificar a necessidade de ser um texto reduzido. No entanto, este texto condensa importantes pressupostos teóricos do feminismo negro e poderiam ter ganhado maiores aportes agora que compõe o livro. A autora abre o texto realizando a seguinte citação de bell hooks (2000):

É essencial para o prosseguimento da luta feminista que as mulheres negras reconheçam a vantagem especial que nossa perspectiva de marginalidade nos dá e fazer uso dessa perspectiva para criticar a dominação racista, classista e a hegemonia sexista, bem como refutar e criar uma contra hegemonia. Eu estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na realização da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa (Ribeiro, 2018, p. 122).

Esta vantagem especial a que hooks faz menção, Ribeiro corrobora torna este artigo um dos mais relevantes, por apresentar o feminismo negro também como um marco não apenas na compreensão da (mas também para a construção da) sociedade. Pela relevância da tarefa, talvez tivesse sido importante a autora desenvolver de forma mais perceptível a potência de nosso lugar. Talvez Djamila Ribeiro não tenha ampliado o texto para manter-se fiel à perspectiva com a qual escrevia, por não perceber que agora em um livro teria condições de aprofundar ou mesmo outras motivações que não consigo pressupor. Aliás, esta não é uma tarefa apenas dela e talvez seu papel possa ser justamente este de despertar em nós, negras ou não, mulheres ou não, a necessidade de voltar a pensar outra sociabilidade.

Vale lembrar que a autora indica outras obras que dão conta de desenvolver este debate. Não há como passar por este artigo sem recordar (e agora indicar) o documentário brasileiro produzido por Day Rodrigues, *Mulheres Negras: projetos de mundo*, em que nove mulheres, vozes do presente, levantam questões e instigam em poéticas as minúcias do que é ser mulher negra no Brasil.

Como parte da contradição inerente ao funcionamento de nossa sociedade, o livro também deglute para outros públicos que *eximem* de apreender nossas perspectivas teóricas, que mesmo tendo acesso e *podendo* apreender sobre isto, *esperam*, mais uma vez, que uma mulher negra venha lhe educar e que seguirá secundarizando nossas produções. Não é para este público que nossa *práxis* política se dirige, por isso não deixamos de desenvolvê-la.

Aos que não aguardam a mesa ser posta, no livro você encontra ainda indicações de outras leituras, como Angela Davis, Judith Butler, Grada Kilomba, Toni Morrison e as plataformas virtuais “Blogueiras Negras” e “Intelectuais Negras” (UFRJ), que trazem ingredientes para que você *também* seja capaz de cozinhar, *extirpar* seu medo ou *fortalecer* sua coragem. Depende do que a obra significará para *você*. Muita gente ainda tem medo do feminismo negro e espera que a gente sirva a refeição. Vão passar fome.